



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A Câmara Municipal de Espinho ESPINHO

DOMINGO
13
Outubro - 1963
N.º 1646
Ano XXXI - Série VIII
(AVENÇADO)
Venda pela C. de Censura

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p. c.) e 920187 (Residência do Director)
DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: BENJAMIM DA COSTA D'AS
Admin. e Imp. na "BRAGA OJAS" - Rua 18 - Telef. 920187

PORTUGAL AO ALTO

Nesta hora suprema em que todos os portugueses foram chamados para definirem as suas posições em face dos ataques furiosos de que temos sido vítimas, a afirmação do mais geral e acendrado patriotismo levantou-se em vibrante trovão como se partisse dum único peito, gigantesco.

Primeiro na metrópole da Lusitanidade sem hesitações de qualquer espécie, porque não as podia haver quando o precepício se apresenta para nos traçar, e depois em Angola, a província martirizada, em Moçambique, na Guiné, no Portugal Insular, em Timor, em Macau e nos corações despedaçados de Goa, Damão e Diu que nunca deixaram de ser portugueses por mais que tentem os tiranos. Se as dúvidas vinham das incertezas lançadas pelas mentiras mais torpes, a torpeza, feita em farrapos, deve ter aberto os olhos aos incrédulos, aos fáceis de suggestionar e aos propagandistas dos falsários da Verdade.

A visita do Chefe do Estado a Angola, foi a lição estrondosa numa aula magna do portuguesismo mais ardente e mais puro, vindo de corações inquebrantáveis, ligados numa unidade fraterna multirracial, única no Mundo. Podem denegri-la com os gritos de um ódio incontido em peitos desumanos; podem lançar mais ataques dos sicários assoldados pela iniquidade vergonhosa, numa nova invasão de fronteiras: podem os cobiçosos do alheio cavar mais ruínas junto de charcos de sangue inocente, lançar na orfanidade mais pequenos seres, mas jamais serão capazes de destruir a alma dos que só amam a Deus e à Pátria, dois valores espirituais de que não abdicarão os portugueses, seja qual for a latitude em que trabalhem, lutem e amem.

Dificilmente se desvanecerão os ecos das aclamações delirantes através de Angola inteira, e que vieram ao encontro das de Lisboa realizadas em 27 de Agosto, irmanando-se num sonoro toque de bronzes, para se manterem eternas e paralelas a essas outras que ficaram para sempre registadas na História Na-

cional.

Os grandes momentos apaixonam os povos, fá-los vibrar diferentemente, mas ajustam-se como as pedras dos monumentos a desafiar os tempos e os inimigos recalcitrantes para os confundirem.

Não foram apenas as grandezas das aclamações eufóricas que emocionaram o sr. almirante Américo Tomaz, mas os abraços distribuídos aos heróis que não se pouparam a sacrifícios nas horas da luta gigantesca.

Foram, sim, os momentos de recolhida prece pelos que tombaram em defesa da Pátria, quando percorreu os lugares onde brancos, negros e mestiços se irmanaram no grandioso desejo de dar continuidade ao que só a portugueses pertence.

Era Portugal, representado pelo Seu mais Alto Magistrado, que se curvava perante a memória inapagável dos bravos da nova gesta.

As horas do perigo ainda não se detiveram, e nesta ronda do tempo, que nos apresenta raivas altas e desesperos incontidos, pode suceder que o brazeiro se reacenda. Porém, a recta-guarda está decidida a não deixar sozinha a linha dos combates, se tal acontecer, e venceremos mais essa trágica provação que nos atirarem.

Almas ao alto, para que a Pátria se eleve nimbada de glória sob as bênçãos divinas!

O pedido de Salazar ficou plenamente satisfeito com o mais espontâneo e numeroso plebiscito que se podia desejar em qualquer emergência de perigo para a Nação.

Ao evocar a memória de quantos se empenharam no engrandecimento de Angola, o sr. Presidente da República foi o intérprete de uma política nacional, ontem como hoje, amanhã como sempre, porque só essa é construtiva, e penhor do nosso brio de civilizadores incomparáveis.

Quando fez a sua evocação, o Chefe do Estado não averiguou das convicções particulares de cada um, mas apenas que se deram as mãos, cada qual no seu campo de acção, para atingirem um fim comum.

Rui de Faria

Um livro precioso de GUEDES DE AMORIM



JESUS PASSOU POR AQUI é o seu título.

Uma obra, sem dúvida, que fica para sempre.

Não é um livro que se lê a espaços; não, também, que, terminada a sua leitura, se ponha de lado e jamais se abra. Este bebe-se sófregamente, linha atrai linha, página atrai página, capítulo atrai capítulo. Lê-se e relê-se com vivo interesse.

O seu prefácio, escrito pelo autor, é, por isso, um excelente e original estudo psicológico, impregnado duma sinceridade sem par, pleno de objectividade.

Nele, numa síntese maravilhosa, Guedes de Amorim afirma que «Jesus é a Palestina de Jesus projectam-se na Palestina de agora. Jesus está vivo e a Palestina está habitada por homens vergados a problemas dos nossos dias».

Noutra passagem do prefácio em causa, assevera que «acentuarei o meu pacto com Cristo e a sua doutrina, sem neutralismo, sinónimo de desonestidade, sem quietismo, sinónimo de pusilanimidade».

Entrando propriamente no tema do seu trabalho, o autor querido de «Francisco de Assis, Renovador da Humanidade» começa a pisar os passos que deu Jesus naquelas paragens de poesia, de sonho e de história.

A sua prosa é cintilante, de um colorido atraente.

E o leitor acompanha-o, espiritualmente, vivendo com ele o que ele viveu, desde Beirut ao Egípto, de Jericó a Damasco, depois a Jafia, ao Monte da Eucaristia e a tantos outros recantos históricos.

Reproduz, numa como que singular e elevada reportagem, o que ouviu e o que viu.

Foca Jerusalém, emotivamente, apaixonadamente, agarrando o passado nas suas lendas imorredoiras e de grata recordação.

Alcega-se nas melhores bases do Cristianismo.

Romancista feito, embora, Guedes de Amorim em «Jesus passou por aqui» não romancela: regista magistralmente, conta como ninguém o que foi o caminhar de Jesus pela Terra Santa.

Não faz apologética, mas assenta o seu pensamento, em assunto tão transcendente, no pensamento cristão, sempre actual, cuja doutrina é o melhor lenitivo para as angústias e tribulações dos pobres mortais.

E' um livro em que impera forte espírito de observação.

Lê-lo é vivê-lo, é senti-lo. E' comungar, com o autor, no desejo, que com felicidade realizou, de percorrer a pátria querida de Jesus.

— As gravuras, que profusamente ilustram estas bellissimas quinhentas páginas, constituem um saboroso e delicado recheio, a todos os títulos apreciável, pelo ineditismo da imagem, pelo adequado do «motivo».

— A capa vibra de cor e de atractivo, harmonizando-se subtilmente com o bellissimo título.

— A edição é da «Sociedade de Expansão Cultural» — Lisboa.

H. V.

UM PROBLEMA GRAVE PARA ESPINHO

O célebre bairro «Flecha» ameaçado de destruição pelo mar, deixando mais de duas centenas de pessoas sem abrigo

O bairro da Junta Central da Casa dos Pescadores a caminhar para idêntico fim, se providências imediatas não forem tomadas

Não foram atendidas por quem de direito as petições dirigidas o ano passado às entidades competentes pelos proprietários e moradores do extremo sul da nossa Vila, aos quais demos o nosso justo apoio por lhes reconhecermos inteira razão, e justificado o receio dos reclamantes.

Convenceu-se a Autoridade Marítima de que a retirada da areia nenhum perigo oferecia porque o mar voltaria a cobrir os espaços desfalcados. E o resultado está-se agora a ver, nitidamente, com o que está na iminência de acontecer — a destruição pelo mar dos dois barracões que constituem o chamado bairro «Flecha» onde se albergam mais de 200 pessoas, de todas as idades, que ali vivem sem as mínimas condições de higiene, e em plena promiscuidade.

Devido às péssimas condições higiénicas em que vivem aqueles numerosos infelizes, não haveria que lamentar a destruição dos citados barracões se houvesse facilidade em alojar os seus moradores, que, a consumir-se a previsão, que se nos afigura muito próxima, ficariam novamente sem abrigo, criando assim uma grave problema de ordem moral e material para a nossa Câmara.

Urge que os poderes centrais venham ao encontro da Câmara ou que a Câmara vá junto deles para solucionar um problema que exige imediata solução.

Idêntico perigo está na possibilidade de acontecer mais tarde ou mais cedo, ao importante bairro construído pela Junta Central da Casa dos Pescadores, se não se tomarem desde já as necessárias providências para evitar o perigo. E essas providências seriam a imediata proibição de se extrair areia defronte do citado bairro e das suas imediações.

Pelo Casino Hoje... Cinema

Não faltamos à promessa. Cá aparecemos para dizer o que se passou no Cinema do Casino no dia em que «E TODO O VENTO LEVOU» fez encher literalmente a sala de espectadores, quer de tarde, quer de noite.

A extraordinária produção do cinema mundial constitui sem dúvida um dos melhores êxitos mundiais no campo do celulóide.

Não foi sem justificação que o grande crítico americano disse: «Está levantada a base dum mundo melhor para o espectáculo. Oxalá que todos os produtores se congregassem para examinar convenientemente como o pode ser feito um grande filme». A grande obra literária, que empolga o leitor, dá já há alguns anos uma ideia mais rápida do seu valor através do que se vê.

Técnicamente rico o desempenho do saudoso Clark Gable e de Vivien Leigh, ao lado de Olivia de Havilland e de Leslie Howard, oferece-nos a certeza de se viverem os melhores quadros da vida dessa extraordinária obra. Tudo nos parece perfeito com relevo para a sequência da realização e do encaixe conveniente da distribuição.

Teremos de acreditar no que já sabemos do aparecimento desta fita há uns bons 20 anos, que arrastou até ao Porto uma falange de apreciadores portadores de incontido entusiasmo e de abnegada cortezia para os obreiros de tão arriscada realização. A nova cópia, ora exibida no Cinema do Casino, em «technicolor», opera uma revolução no mundo da fotografia. Melhora e agrada ao tempo que melhoram as condições técnicas.

Não conteremos os nossos aplausos ao cometimento de ter sido transportado a Espinho uma produção desta grandiosidade numa demonstração clara de que os grandes meios não são os únicos que podem oferecer estes espectáculos.

Quando nos retirávamos conseguimos saber que dentro de breves dias poderemos assistir ao correr de outra grande obra-prima: «SPARTACUS».

Espectador

Na passada sexta-feira, dia 11, na noite do Grande Casino de Espinho, registou-se a estreia, com grande sucesso, da insinuante cançonetista nacional Marina Neves, e do «Ballet Bel Guerra», constituído por um grupo de esbeltas raparigas portuguesas, sob a direcção do artista Bel Guerra. Todos os números foram muito aplaudidos.

A IMPRENSA DE LUANDA dá extraordinário relevo à partida do Chefe do Estado

Luanda, 8 (Via Marconi) — A Imprensa de Luanda publica, hoje, extensas reportagens da partida do Chefe do Estado, profusamente ilustradas com fotos da invulgar apoteose de que a população da cidade rodeou o sr. almirante Américo Tomaz, sua esposa e o sr. Ministro de Ultramar, ao mesmo tempo que, patenteava ao Governador Geral de Angola a sua profunda simpatia.

A propósito da partida o «Diário de Luanda», sob o título «Pelxoto Correia — Um Ministro Que Soube Dar Um Exemplo», escreve:

«Agora que o Infante D. Henrique navega no largo oceano, rumo à formosa ilha de S. Tomé, levando a bordo o Sr. Presidente da República e com ele o coração de Angola, parece-nos, absolutamente, justo que se tenha uma palavra de apreço para um homem que voluntariamente se afastou das culminâncias laudatórias e das homenagens que não só lhe eram devidas, como viviam no pensamento de todos aqueles, os que labutam nesta província. Referimo-nos ao sr. comandante Pelxoto Correia, ilustre Ministro de Ultramar.

Num Mundo em que tanto ando se empertiga para chamar sobre si os favores da evidência, sabe bem registar esta atitude de alguém que por direitos adquiridos ao longo duma carreira brilhante em terras do Ultramar, por força do cargo que desempenha, e pelo inegável brio da acção que serena e eficientemente tem realizado, justificava as mais calorosas manifestações de apreço e de simpatia.»

(LUSITANIA)

A canção «ESPINHO» na Emissora Nacional

Pelas distintas cantoras espanholas Irmãs Benavente, foi cantada no dia 7 do corrente nos estúdios da Emissora Nacional, a bela canção «ESPINHO», letra de Alberto Barbosa e música de Armando quatorze, que tanto sucesso tem feito, onde quer que tenha sido cantada.

As graciosas Irmãs Benavente, que, num gesto cativante para nós portugueses, e particularmente para nós espinhenses, se deram ao cuidado, de aperfeiçoar a pronúncia da nossa língua para darem todo o realce à referida canção, bem dignas são da nossa simpatia e do nosso reconhecimento.

Farmácia de Serviço, HOJE SANTOS
Rua 19 Telef. 920331

